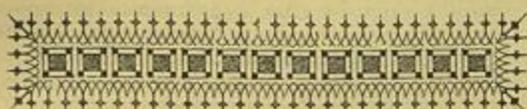


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 700	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE JUNHO DE 1898	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Alguma coisa nos ficou do centenário, contando-nos que, se elle não foi tão brilhante, como era para desejar e a causa o merecia, não foi comtudo o que certos máus prophetas agoiravam.

Alguma coisa se fez, muito se provou ser possível fazer-se um dia.

Atraz de tempos, tempos vêm, e outros hão de vir melhores.

Na Tapada da Ajuda continua aberta a exposição de alfaias agricolas, com certeza uma d'aquellas que mais deve interessar a portuguezes. Bastará para isso lembrarmo-nos de que o principal motivo da exportação do nosso oiro é a falta importantissima de cereaes. O pagamento dos juros da divida externa que tanto oiro nos leva entra para o desequilibrio financeiro em segundo logar.

Bastaria este facto para que todas as attenções se volvessem para assumpto de importancia tão capital.

O Alemtejo, onde a charneca impera por enquanto, deve um dia transformar-se em região cerealifera, das mais opulentas da Europa. Muito se tem já feito e as experiencias com os novos adubos trouxeram uma alma nova aos mais descorçoados lavradores. Muitos hectares tem sido arroteados e o juro do capital foi muito além das melhores esperanças. Terrenos houve, desde tempos immemoriaes abandonados á esteva e ás urzes; que deram na primeira colheita perto de quarenta sementes. Os exemplos não faltam, faltam infelizmente os capitaes. Pois teriam ali uma collocação excellente.

Mas um outro motivo deverá concorrer para chamar o publico á exposição.

A Tapada da Ajuda é dos mais bellos sitios do mundo.

Ainda não ha muitos dias, lemos um livro d'um escriptor estrangeiro, recommendando a todos os viajantes, que quizessem visitar Lisboa, o passeio ao alto da propriedade real, até onde foi construido o observatorio astronomico.

Difficilmente poderá encontrar-se paizagem que a tanta belleza reuna maior magestade.

Mas o publico anda distrahido. Teve ha pouco em Lisboa o Novelli, um dos maiores artistas do mundo, e não foi ao theatro — estava pensando na guerra; tem agora motivo para um dos mais bellos passeios, e não vae á Tapada — está pensando nas pulgas.

Nas pulgas?... Sim, senhores, umas pulgas sabias que dançam, jogam as armas, andam de carinho, cantam, fazem discursos, dormem em algodão em rama e sustentam um homem, ao contrario de todas as pulgas, que costumam sustentar-se d'elles.

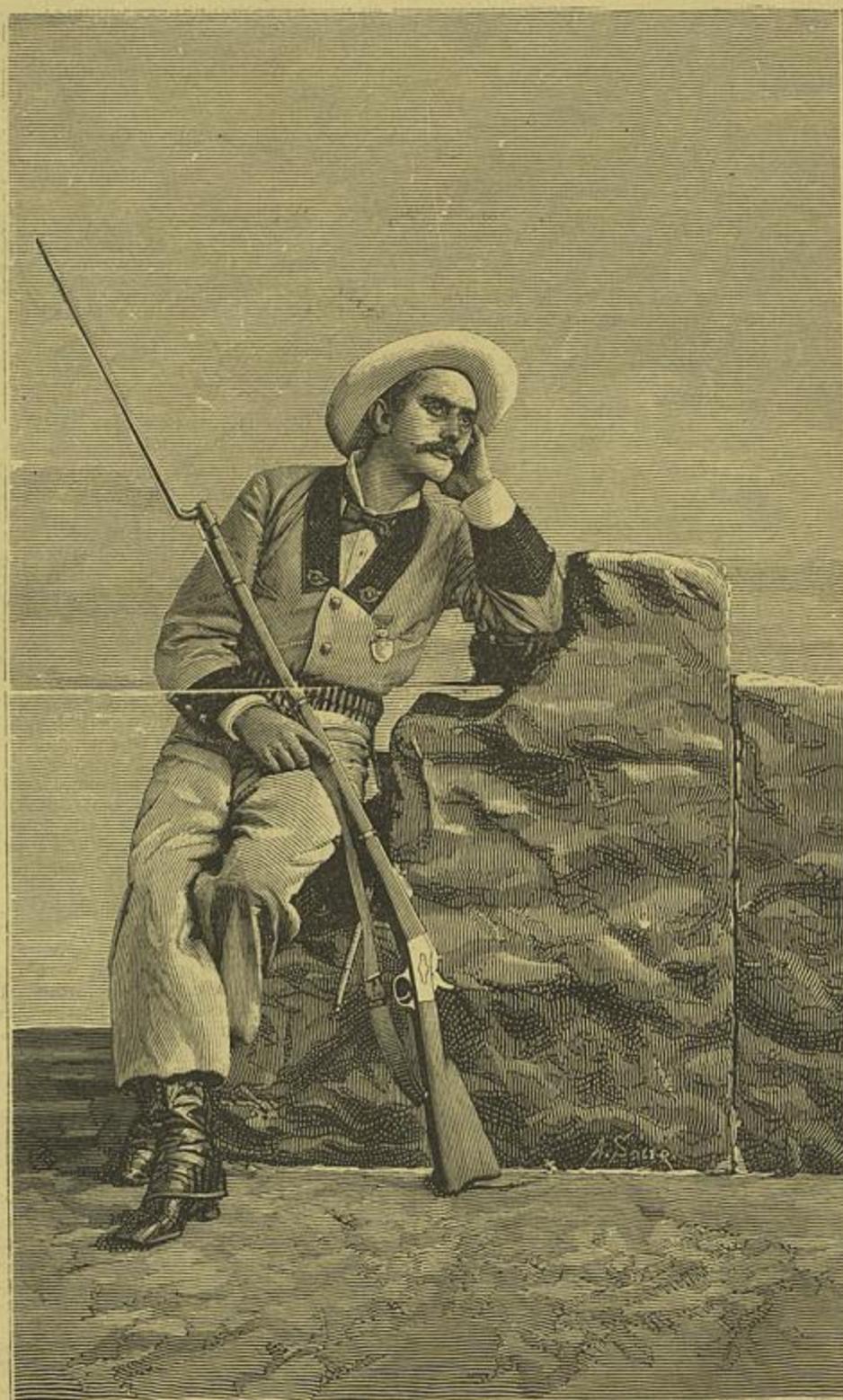
Ellas lá estão para quem as quizer ver n'uma barraca da Feira Franca. Cada espectáculo, cada enchente, e em Lisboa não se falla n'outra coisa.

A feira continua concorridissima, quasi unico refugio para essas noites quentissimas, que muito brevemente nos esperam.

Já se vê uma grande differença na animação das ruas, tanto mais notavel quanto de perto se seguiu ao excepcional movimento dos dias de festejos.

Verão. Demais os habitos do inverno se prolongaram.

## GUERRA HISPANO-AMERICANA



UM VOLUNTARIO DE CUBA

Só agora fecharam as côrtes. O normando teve por esse motivo grande extracção nos artigos de fundo d'estes ultimos dias. Mas verdade, verdade, a politica, máo grado os tempos perigosos que vão correndo, está longe de ser n'este momento a nossa preocupação.

A abstenção passiva tem feito proselytos.

Os deputados provincianos foram se para as suas terras e das mais altas regiões da sociedade foi dado o signal da partida para as estações balneares.

Ahi é toda a animação agora.

A rainha Senhora D. Amelia, partiu ha dias para S. Pedro do Sul e o Senhor D. Carlos anda a fazer uma pequena viagem pelas costas do Algarve, percorrendo as principaes cidades e villas do litoral.

Lisboa vae socegando, bocejando, amortecendo os olhos para uma soneca de quatro mezes.

Não faltarão entretanto algumas novidades theatraes e uma já tivemos, que a muitos trouxe contentamento. Abriu as portas o theatro da Trindade, inaugurando a epoca de verão com a opera comica *Noite e dia*. Boa filha a casa torna e a ope-reta lá voltou.

É director da nova companhia o actor José Ricardo, que no Porto esteve dirigindo o theatro D. Afonso e que é, sem contestação, um dos melhores actores portuguezes n'aquelle genero.

Palmyra Bastos, que tanto provou o seu valor como ingenua dramatica durante este inverno, volta aos seus antigos papeis. Innegavelmente, é ella uma das nossas primeiras estrellas no genero. Ainda ha pouco cantou o principe da *Gata Borralheira*, como poucas o poderiam fazer. Mas... Afinal bom é que ella seja as-im. Quando está na opera comica faz falta no drama; quando no drama faz falta na opera comica. Talento e gentileza é o que ninguem lhe contesta.

No theatro da Avenida vai estrear-se brevemente a companhia, que durante o inverno trabalhou no theatro do Principe Real do Porto, sob a direcção do actor Taveira. O grande exito que n'aquella cidade obteve a revista de Guedes de Oliveira, *Ali... á preta* animou Taveira a fazer a jornada. A comedia dizem a primorosa. A grande telhuda da Angela Pinto faz os principaes papeis e a musica é de Cyriaco de Cardoso. A logica manda concluir successo.

A companhia do theatro de D. Maria está no Porto, dando as suas recitas concorridissimas como sempre, no theatro de S. João. Parece que irá depois a Braga, Setubal e Evora, passando n'esta ultima cidade as festas proximas.

Tanta noticia theatral em pleno verão é coisa rara. Que nos reservará o inverno? Mystérios! pois a respeito de concurso para adjudicação do theatro de D. Maria nada se diz, nada se sabe, nada sabem talvez os que já tudo deveriam saber.

Fala-se em que seremos visitados pela Réjane, um dos mais gloriosos nomes do theatro francez.

Assim seja. Depois da Duze o Novelli depois d'este a Réjane! Quando as companhias estrangeiras tragam d estes directores, bem vindas sejam sempre a Portugal.

O theatro D. Ameleia annunciou os espectaculos de strea de uma companhia de zarzuella, que nos dizem magnifica, sendo seu director uma notabilidade no genero, que tantos admiradores tem entre nós.

A Heganha não deve estar muito para divertimentos agora, e não é por isso de espantar que muitas das melhores de suas companhias theatraes queiram tentar algumas excursões em paiz estrangeiro.

Não são muito animadoras as noticias, embora os proprios Estados Unidos se vão convencendo que, se a primeira lhes foi favoravel, a partida ha de levar seu tempo.

As attentões de todos estão voltadas para o almirante Cervera, um valentissimo e experimentado marinheiro. Todos acreditam que, um dia, uma noticia chegará de surpresa. Mas a quem trará ella alegrias, se algumas consigo trouxer?

A Hespanha continúa a lutar valentemente e a provar que ainda conta entre os seus filhos alguns grandes homens. Que lhes preste homenagem, como Portugal o está fazendo áquelle que El-rei D. Carlos chamou, quando ella se extinguiu, a melhor luz do seu reinado.

Na sala Port gal da Sociedade de Geographia estão expostas as provas para o concurso do monumento em honra do grande medico portuguez, José Thomaz de Sousa Martins.

Este nome glorioso bem merece ser perpetuado por todas as formas. Quantos conheceram o notabilissimo professor, o homem de sciencia o clinico incançavel, quantos lhe deveram gratidão e amizade, devem estimar as provas de altissimo con-

ceito em que o tiveram collegas e discipulos, organisadores da subscrição.

Sousa Martins era um homem encantador, talento privilegiado, cheio das mais vastas aptidões. Muitas vezes, em diferentes congressos no estrangeiro honrou o nome de Portugal.

Querem erigir-lhe uma estatua. O local escolhido foi o jardim em frente do novo edificio da escola medica, ainda em construcção. Ahi devia ser.

Obteve o primeiro premio o projecto do sr. Queiroz Ribeiro. A parte architectonica é realmente bellissima.

Mas permittam-nos uma observação. Essa parte tem toda a importancia, quando se trata de um general, de um tribuno, de um grande revolucionario, quando se trata mais da commemoração de factos que de apothose ao genio de um homem. Para Sousa Martins desejaríamos alguma coisa muito mais modesta, com menos symbolos, menos allegorias. Appellaríamos tão sómente para o esculptor. Queríamos no sorriso, na fronte elevada, no gesto cançado d'esse robustissimo talento, ler-lhe a alma, conhecer-lhe alguma coisa da sua vida tão santamente levada, tão util a todos. É portanto para o talento, de que o sr. Queiroz Ribeiro tem dado provas como esculptor, que appellamos agora. Que o retrato seja parecido, eis o importante, parecido em toda a significação que esta palavra deve ter para um artista.

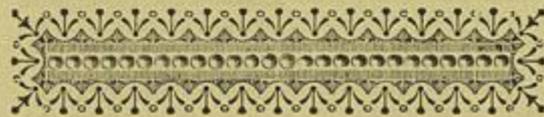
Lebrun, que pintou um dos ultimos retratos de Luiz XIV, fel-o velho como era, sem o lisonjejar, o que muito escandalizou o Rei-Sol.

— Pois tão velho estou? perguntou.

— Senhor, respondeu-lhe Lebrun, vejo mais algumas victorias a aureolar-lhe a fronte.

Cortezão, sim; máu pintor não quiz.

João da Camara



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A GUERRA HISPANO-AMERICANA

Sob este titulo principiamos hoje a publicar gravuras relativas á guerra que está empenhada entre a Hespanha e os Estados-Unidos da America e que prende as attentões de todo o mundo.

O contral-almirante D. Pascual Cervera y Topete, cujo retrato estampamos n'este numero, é o celebrado commandante da esquadra hespanhola, cujas operações em Santiago de Cuba tanto teem desnoateado as opiniões.

O contra-almirante Cervera é um official muito distincto na armada hespanhola, de que são fiadores mais de quarenta e cinco annos de effectivo serviço, e tem demonstrado a sua intelligencia e valentia em grande numero de campanhas, como as de Africa, de Joló e Cuba.

Tem o peito coberto de condecorações nacionaes e estrangeiras, foi ministro da marinha, e hoje accarreta com a tremenda responsabilidade de commandar, a bordo do magnifico couraçado *Infanta Maria Tereza*, a esquadra hespanhola em operações nas aguas de Cuba.

Pela vista da entrada e bahia de Santiago de Cuba, que na mesma pagina reproduzimos, se comprehende bem a difficuldade natural que ha dos cruzadores americanos saberem se a esquadra hespanhola está dentro da formosa bahia, como igualmente succede aos hespanhoes com respeito a saberem se os inimigos estão bloqueando a entrada.

Na estampa estão consignadas as indicações mais interessantes com respeito ás operações da guerra. Accrescentaremos aqui alguns dados valiosos para bem se avaliar da importancia de Santiago de Cuba, porque quando Cervera entrou alli, os inimigos disseram ser mau ponto strategico e sem maior importancia, porém ainda ha pouco incitavam os insurrectos cubanos a formarem ahi a sede do governo provisório reconhecendo a magnifica posição de Santiago.

D'estas contradicções resulta que a vista que hoje offerecemos ao leitor decerto merece alguma attecção.

O porto de Santiago de Cuba é a capital do antigo departamento oriental da ilha, e pelo seu movimento maritimo e mercantil, em epocas normaes que é considerado o segundo porto das Grandes Antilhas. Está muito bem abrigado de todos os ventos e tem uma entrada larga, com-

quanto difficil pelo tortuoso do canal e interna-se uns cinco kilometros e meio de SO. a NE.

A costa E do canal, em cuja parte exterior está o castello do Morro, alarga se em promontorio pedregoso, onde na extremidade se ergue o castello da Estrella. Esse promontorio raso com outro que avança ao S. forma o canal de entrada, que tendo primeiro uma largura de cento e vinte braças se vae estreitando até á bocca da enseada, onde continúa sem differença até rebaixar o cabo Smith, sitio onde o porto começa a alargar-se.

A cidade está situada na margem occidental, e estende se em amphitheatro, destacando-se á direita pelo pharol de 244 pés de altura, sobre o nivel do mar, pelos dois castellos e uma alta ribeira d'onde descem oito pequenas correntes, das quaes são mais caudalosas a Cascón e os rios de Caimanes e Paradas.

### A EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA

Entre as brilhantes festas nacionaes promovidas pela commissão executiva do centenario nomeada pela Sociedade de Geographia com o fim de solemnizar o quarto seculo da descoberta do caminho maritimo para a India, devemos especialisar as exposições do jornalismo e arte typographica portugueza realizadas nas salas do Atheneu Commercial de Lisboa.

Incontestavel e indiscutivelmente a exposição da imprensa foi, pela sua originalidade e belleza, um dos numeros mais notaveis d'esses festejos commemorativos e sem duvida o que mais gravado ficou na memoria do publico estudioso, que n'esta commemoração procurou não só recrear-se mas instruir-se, justificando assim o preceito horaciano: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci*.

Estava esta exposição destinada a figurar junto ao congresso internacional da imprensa. N'esse sentido vieram publicadas no *Diario de Noticias*, se a memoria não nos falha, as bases para a sua execução, elaboradas pelo nosso presado amigo e apreciado collaborador sr. Silva Pereira.

Circulando porem o boato de que o congresso da imprensa já não se podia realizar nas festas do centenario, a ideia da exposição foi posta de parte e ter-se-hia de certo malogrado, se não fosse a louvavel iniciativa do sr. Alberto Bessa secretario da Associação da Imprensa e redactor do *Seculo*, que em sessão d'assembleia geral d'aquella collectividade, apresentou uma proposta n'esse sentido, proposta que foi acolhida com enthusiasmo pelos circumstantes e desde logo approvada por unanimidade.

Approvada a ideia cumpria dar-lhe execução pratica não tardando em ser nomeada uma commissão promotora e installadora d'esse certamente o primeiro n'aquelle genero que se fazia no paiz.

A commissão ficou composta dos seguintes cavalheiros, todos membros d'aquella benemerita associação: A. Xavier da Silva Pereira, Sebastião da Silva Leal, Heliodoro Salgado, J. V. d'Andrade Neves e Alberto Bessa.

Occupando o primeiro o logar de presidente e os ultimos o cargo de thesoureiro e secretario da commissão.

A solemne abertura inaugural effectuou-se no dia 14 de maio e o encerramento da exposição no dia 30.

Desnecessario é descrevermos aqui o que foi esta notabilissima exposição porque ja o fizemos no numero 607 do OCCIDENTE, em um excellento artigo escripto pelo nosso dedicado collaborador, sr. Silva Pereira.

Bastará accrescentarmos que essa exposição impoz-se de tal forma pelo seu brilhantismo, que a commissão executiva do centenario, que ao principio havia adherido friamente á ideia da sua installação, talvez pelo motivo de a julgar impraticavel, ou não lhe merecerem plena confiança as pessoas que compunham a commissão promotora, acabou por abraçar calorosamente a sua realisacão, não só destinando para ella uma verba relativamente importante, senão tambem influindo directamente junto á direcção da Sociedade de Geographia para que esta ali se fizesse representar com a valiosa collecção do seu excellento boletim.

Este facto significativo é um dos melhores trophes alcançados pela laboriosa commissão promotora que, arcando com as maiores difficuldades, destruindo todos os obstaculos que se antepunham á realisacão do seu commettimento, conseguiu vencer as más vontades, convencer os incredulos, attrahir o publico e conquistar os geraes applausos das pessoas que visitaram as salas do curioso certamen.

O plano, habilmente architectado dividiu-se em

23 grupos, dando-se a cada agrupamento o nome d'um laureado escriptor portuguez. Os expositores foram em numero de 197 obtendo cada um d'elles o seu competente diploma de concorrência, em conformidade com o art. 7 do Plano.

Obtiveram o grande diploma de honra 35 concorrentes e 48 o diploma de merito.

Não comporta a estreiteza do logar de que podemos dispor para aqui mencionar o nome de todos os recompensados. Limitamo-nos pois a enumerar os que lograram obter o primeiro premio.

1.º Grupo: Srs. D. José d'Aragão da Costa Lacerda, Sebastião da Silva Leal e José Cypriano da Costa Goodolphim.

2.º Grupo: O Jornal dos Romances, do Porto.

3.º Grupo: O Occidente; Charivari, Pontos; Portugal Artístico e Monumental; E. Casanova.

4.º Grupo: Boletim da Sociedade de Geographia.

5.º Grupo: A Bordadeira; Moda Portugueza; Moda de Hoje; Cancioneiro de Musicas Populares.

6.º Grupo: Tiro Civil.

7.º Grupo: Gazeta dos Caminhos de Ferro.

8.º Grupo: Educação Nacional; dr. Mascaró.

9.º Grupo: A Voz do Operario.

10.º Grupo: Boletim dos Archeologos.

13.º Grupo: A. X. da Silva Pereira; Jordão Apolinario de Freitas; Lello & Irmão

14.º Grupo: Antonio Rodovalho Duro.

16.º Grupo: Jornal dos Cegos.

17.º Grupo: Gazeta da Relação; Mundo Legal e Judiciario.

18.º Grupo: Antonio Romão Passos; Gazeta das Aldeias; Jornal Horticola-Agricola.

19.º Grupo: Aurora do Cavado.

20.º Grupo: Empreza do «Seculo»; Photographia Guedes, do Porto; Photographia Biel & C.

23.º Grupo: Sociedade Protectora dos Animaes.

Entre os concorrentes que obtiveram diploma de merito contam-se as empresas dos seguintes jornaes: Echo Militar, de Portimão; Echos da Avenida; Jornal de Viagens, e Amphion; a Critica; O Correio; Civilização Popular; Arte Typographica; Caixeiro Portuguez; Jornal dos Constructores Civis; Jornal de Pharmacia e Chimica; Correio Elvense; Revista do Exercito e Armada; Philatellista do Occidente; O Imparcial de Marco de Canavezes; e finalmente a magnifica collecção do photographo Gião intitulada: *A Imprensa Portugueza*.

O OCCIDENTE para não se affastar do seu programma, publica hoje os retratos dos membros da commissão promotora da exposição e a vista da grande sala onde se realisou esse curiosissimo certamen.

Annexas aquella sala estavam as da exposição typographica e das photographias, que constituiram a grande attenção dos visitantes pelos bellissimos trabalhos artisticos que continham.

Que diremos a respeito dos benemeritos e talentosos promotores d'esta exposição, que não seja conhecido do publico, que já por vezes os tem laureado pelos seus labores jornalisticos e como obreiros incansaveis da instrucção do povo?

SILVA LEAL é filho do fallecido e distinctissimo escriptor e funcionario conselheiro José Maria da Silva Leal. A sua copiosa collecção de jornaes, o que pôde imaginar-se de mais precioso e variado, contem especimens dos mais raras e dos mais antigos. Silva Leal tem collaborado vantajosamente n'alguns jornaes litterarios e ultimamente publicou uma interessante resenha dos jornaes indo-portuguezes, opusculo que foi enfileirar se brilhantemente entre as recentes publicações commemorativas do centenario da India.

ALBERTO BESSA é actualmente um dos mais esclarecidos redactores do *Seculo*. A elle se deve em grande parte o enorme successo que teve a exposição da imprensa. A sua bagagem litteraria que é já avultada e valiosa põe em brilhante relevo a energia e talento de que é dotado. No Porto onde nasceu e permaneceu até 1894, em que veiu para Lisboa, fundou e redigiu com rara habilidade e intelligencia grande numero de jornaes.

HELIODORO SALGADO — jornalista de raça. Tem de ha muito o seu nome firmado como polemista de pulso e orador insinuante. Foi redactor da *Discussão*, da *Folha Nova*, do *Protesto do Norte*, da *Mocidade de Hoje*, *Protesto Operario*, *Voz Publica* do Porto, escreveu no *Seculo* e é actualmente director politico da *Vanguarda*. O seu nome avanta-se como o d'um jornalista arrojado e de poderosos recursos intellectuaes.

ANDRAE NEVES. Um dos mais denodados evangelisadores das regalias e interesses populares. Soldado fiel e dedicado da propaganda democratica, tem não poucas vezes sido victima da sua dedicação e lealdade. Como redactor do *Seculo*

acompanhou a primeira expedição á Africa e os serviços que ali prestou a esse jornal foram re levantissimos, mercê do seu invejavel talento e apreciaveis aptidões como jornalista. Tem collaborado e redigido em muitos jornaes. Hoje redige na *Folha do Povo* e na *Vanguarda* sendo os seus escriptos lidos com verdadeiro interesse pelas classes laboriosas.

LUDGERO VIANNA — Presidente da direcção da Associação da Imprensa e membro *attaché* da commissão promotora. Servimo-nos do termo *attaché* para bem frisar a diplomacia que elle empregou juncto á Commissão Executiva do Centenario, para que ella se dignasse patrocinar o empreendimento difficilissimo da exposição. A sua influencia se deve o auxilio que a commissão installadora recebeu para esse fim. Ludgero Vianna é jornalista experimentado e de larga data. Vinte annos esteve no *Diario Illustrado* exercendo ali o logar de secretario da redacção. Fez parte do nucleo redactor do *Correio da Europa* um dos melhores jornaes illustrados que se tem publicado no reino, e mais tarde, fundou a *Mala da Europa* esplendida illustração da actualidade e com extracção enorme no Brazil. Como escriptor dramatico tem sido muito applaudido pelas plateias dos theatros secundarios, se bem que este illustre escriptor tenha follego de sobejo para mais altos vãos como bem o tem justificado.

A. X. A SILVA PEREIRA. Nosso presadissimo collega. Não nos permite elle que digamos o muito que teriamos a dizer de elogios a seu respeito. Os seus artigos, pela maior parte de investigação historica, acham-se esparços por cincoenta e tantos jornaes em que tem collaborado e mui principalmente na *Illustração Popular*, *Ramalhe de do Christão*, *Universo Illustrado*, de que foi director litterario, *Economista*, *Revista Theatral*, *Album Illustrado*, *Eco Liberal*, *O OCCIDENTE*, etc. etc.

Tem sido desde 1886 dedicado correspondente do *Conimbricense*, sendo as suas curiosas correspondencias lidas com muito interesse nas provincias do norte.

Entre os seus muitos trabalhos de investigação notam-se os referentes ao jornalismo portuguez, do qual conseguiu fazer, depois de longos exames de estudo uma completa bibliographia, que é a sua principal gloria como escriptor consciencioso e erudito.

Eis em breves linhas os perfis litterarios dos benemeritos promotores da *Exposição da Imprensa*.

O OCCIDENTE ao publicar-lhes os retratos aponta-os ao agradecimento da classe jornalistica, a que elles tem jus, pela brilhante e completa realisação d'um certamen tido, á data em que se abriu, como inexequivel e sem valor para o publico. O talento e a persistencia no trabalho produz d'estes milagres.

## VASCO DA GAMA

(Continuado do n.º 699)

Desde algum tempo, como dissemos, D. João II sentia a doença ameaçar-lhe a vida, o que o obrigava a procurar em diversas localidades o ar puro, com que se julgava reparar lhe os visiveis estragos d'ella.

A ultima localidade onde permaneceu foi a povoação das Alcaçovas no Alemtejo. Ahi se demorou algum tempo, mas, continuando a progredir o mal, resolveram os medicos que fosse tomar as aguas de Monchique, no Algarve, celebres desde tempos immemoriaes.

Antes de partir das Alcaçovas fez o seu testamento, que foi escripto pelo seu confessor, havendo, porem o ultimo paragrapho todo da sua propria mão, com letra firme e perfeita. Estavam então com o rei, seu filho D. Jorge, D. Manuel, duque de Beja, depois rei, D. Martinho de Castello Branco e outros. Mostra-se ainda na antiga e aruinada residencia dos Condes das Alcaçovas uma janella, onde, segundo a tradição, o rei vinha sentar-se, espairar a vista pelos campos, e sonhar provavelmente com os seus projectos de descobrimentos, que via interrompidos pela fatalidade.

Partiu o rei para Monchique, começou a fazer uso das aguas, e sentiu-se peor com esse tratamento. Este caso, que é ordinariamente o que succede com os que vão tomar essas aguas, era desconhecido, segundo parece, dos clinicos d'aquelle tempo, e por isso em vez de insistirem no tratamento, o que talvez produzisse o effeito desejado, suspenderam-n'o e visto que a localidade, como ainda hoje, não offercia grandes commodidades, retirou o rei para Alvor, onde a cabo de

pouco tempo terminava a sua luminosa existencia aos 25 de outubro de 1495, cercado de pouca gente, e na força e vigor da idade, pois contava quarenta annos.

Succedia-lhe, por direito e disposição testamentaria, seu primo co irmão D. Manoel, duque de Beja, principe instruido, intelligente, e, como se viu logo, capaz de proseguir e levar a bom termo as ideas de expansão e comunicação com o mundo desconhecido, alvo da politica portugueza.

Dizem alguns escriptores que a continuação dos descobrimentos estava determinada por D. João II, achando-se tudo preparado para a primeira expedição, madeiras cortadas, aprestes, gente, marinhagem, pessoal superior etc. tudo disposto em summa; comtudo, era este um ponto de tal maneira importante e dominante, que parece devia merecer uma menção especial da parte do monarcha para o seu successor; debalde porém se procurará tal indicação no testamento. A respeito de negocios externos, apenas encontramos a seguinte verba:

*Item, hei-de mandar contra os mouros, por ordenança do padre santo, sex caravellas que andem armadas sex mezes, ou lhe hei-de mandar um milhão e oito centos mil reaes.* —

Esta armada de seis caravellas durante seis mezes, ao que parece, annualmente, devia embarçar um pouco as disposições para as viagens longinquas; mas é esta a unica menção relativa a expedições n'aquelle documento.

Pelo que toca a successão e governo do reino, depois de recommendar a todos que obedecam e sirvam como devem o novo rei, diz o seguinte:

*E ao dito duque, meu primo, deixo todolos ditos meus regnos e senhorios, de que nosso Senhor Deus me fez rei e Senhor com sua benção e minha e de todolos nossos avós. E encommendo-lhe a justiça e o bom regimento delles, e que sempre tenha grande amor e obediencia a Deus nosso Senhor e a seu serviço e á santa madre igreja grande acatamento.*

Bem sabemos que no bom regimento do reino está implicito o proseguimento dos projectos da sua politica de expansão, mas é um pouco vaga a generalidade, para a podermos entender em sentido restricto.

Um dos mais illustres contemporaneos, e que serviu com a maior lealdade, energia e dedicação a um e outro monarcha, Duarte Pacheco, falando no seu *Esmeraldo* dos descobrimentos apprehendidos por um e outro, diz claramente a respeito do primeiro:

*«E assim descobriu mais do promontorio de Caterina, donde seu padre acabou, até o promontorio de Boa Esperança, que está alem do circulo da equinocial trinta e quatro graos e meio de latitude contra o polo antartico e d'alli até o Penedo das fontes, que por outro nome o Ilheu da Cruz chamamos, que é mais além deste promontorio cento e sessenta legoas; assim que monta em todo o que este excellentissimo principe descobriu, setecentas e sessenta legoas de costa, (em que entra o reino de Manicongo com outra muita desvairada gentildade) assaz tormentosa e difficil de navegar donde se estendeu a esperança e vontade de se descobrir a India que ora vossa magestade novamente tem sabida.»*

Mas do nascer ou estender a esperança e vontade de se descobrir a India, a preparar a expedição para esse effeito, vae grande differença, e por isso Duarte Pacheco, prosegue na sua synthese historica por este modo:

*«Todas estas cousas, serenissimo principe, som verdade e muitas d'ellas em nossos dias praticamos, mas que direi de Vossa Alteza e da graça divina que o summo creador em vosso animo derramou, dotando vos de tão excellentissimo ingenho, saber, e fortaleza que todolos vossos antecessores assim antigos como modernos (passaes?) por quanto no segundo anno de vosso reinado da era de Nosso Senhor de mil e quatrocentos e noventa e sete e no vinte e oito de vossa idade, Vossa Alteza mandou descobrir esta costa do Ilheu da Cruz donde el-rei D. João acabou em deante, e nom sentindo nem estimando as grossas despezas que se nisto fizeram, se descobriu e navegou alguma parte daquelle Ethiopia sob Egypto, que das primeiras idades a nós sempre foi de todo incognita . . . . e mais adeante por vosso mandado foi descoberto tão grande caminho e mar até se saber a grande provincia de Malabar, que India baixa se chama . . . e entre todolos principes occidentaes da Europa Deus somente quis escolher Vossa Alteza que isto bem soubesse &».*

Dando, pois, como possivel que D. João II co-

## GUERRA HISPANO-AMERICANA

mecasse a tomar algumas disposições para proseguir no caminho dos descobrimentos, como por todos os seus actos, n'este districto da sua sabia administração, se depreheende, é certo que a doença, devia abater-lhe a actividade e impedir que elle podesse dar o ultimo impulso a tão grande commettimento.

Foi, pois, D. Manuel, que, apenas subiu ao throno, dedicou toda a sua attenção, intelligencia e actividade a pôr o ultimo complemento aos projectos dos seus antepassados; assim se realisou o que na sua admiravel concisão expressa Camões:

Parece que guardava o claro Ceo  
A Manuel e seus merecimentos  
Esta empresa tão ardua . . . . .

(Continúa). Brito Rebello.

## MEMÓRIAS LITERÁRIAS

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

I

O poeta, arcando com grandes dificuldades, e procedendo a leituras e estudos vários, trouxe para assumpto da peça um episódio dos últimos tempos do infornado D. Sancho II, tendo por fim, ao que parece, glorificar a inegualavel fi-



O ALMIRANTE CERVERA

delidade de Martim de Freitas, e tornar evidente a sanha irreconciliavel do astuto, ferrêho e poderoso D. João Viegas, arcebispo de Braga.

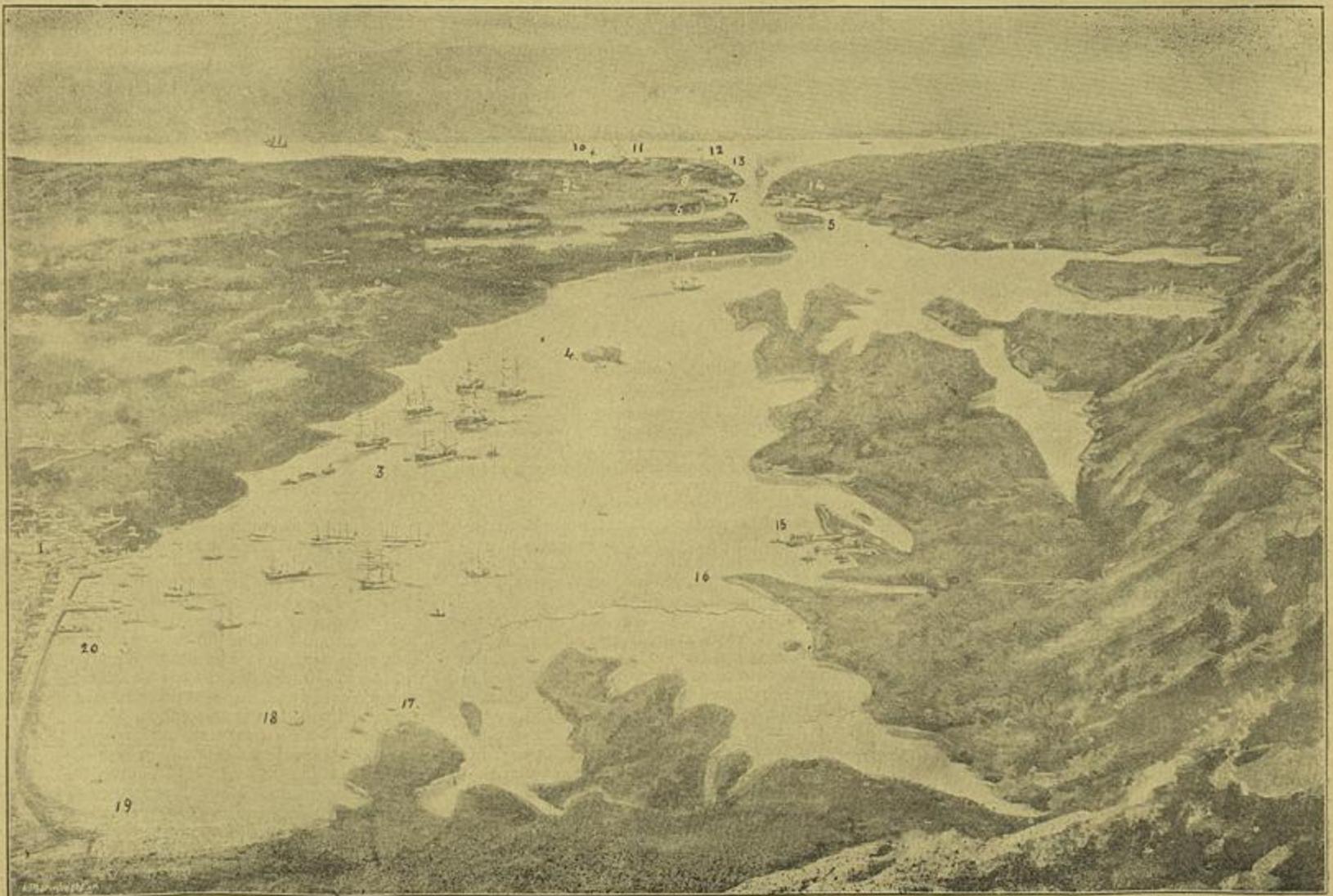
E protagonista o irmão dêste, D. Ramon Viegas Portocarrero, rico homem de entre Minho e Douro.

O primeiro acto passa-se nas fraldas da serra de Airó, diante do presbitério da aldeia dêste nome. Portocarrero mal ferido por um urso, durante certa caçada, é trazido ao burgo e velado a occultas por Aldonça, filha de um velho guerreiro, que guardava, como preciosa lembrança de familia, um saío de malha, que de seu destemido pae herdara.

O enfermo não travara conhecimento com a carinhosa enfermeira, que é requestada por um rapaz do povo, mas que só se apaixona pelo desconhecido, a quem trata e que, pobre della! lhe desaparece, numa occasião, em que se ausentara, mandado buscar pelo bispo, seu irmão; o que deixa a pobre donzela semilouca de pesar.

E aqui termina o acto.

Os sentimentos do padre João Annes, que muito prezava a rapariga, a quem tudo esclarece e a quem protege; o seu affecto aos môços, que educa e que reunira no adro do eremiterio, para a oração respectiva, e a despedida, que lhes faz, pintam-se do seguinte modo:



1. Santiago de Cuba — 2. Punta Blanca — 3. Esquadra hespanhola — 4. Cayo Ratones — 5. Cayo Smith — 6. Punta Soldado — 7. Castello de Santa Catalina — 8. Bateria da Estrella — 9. Enseada da Estrella — 10. Vigia — 11. Pharol — 12. Morro — 13. Punta del Morillo — 14. La Socapa — 15. Desembarcadouro do Cobre — 16. Punta Sal — 17. Buenavista — 18. Navio soberano — 19. Rio Gascon — 20. Matadero

BAHIA DE SANTIAGO DE CUBA

GUERRA HISPANO-AMERICANA



Alberto Bessa ✓



Silva Pereira ✓



Heliodoro Salgado ✓



Andrade Neves ✓

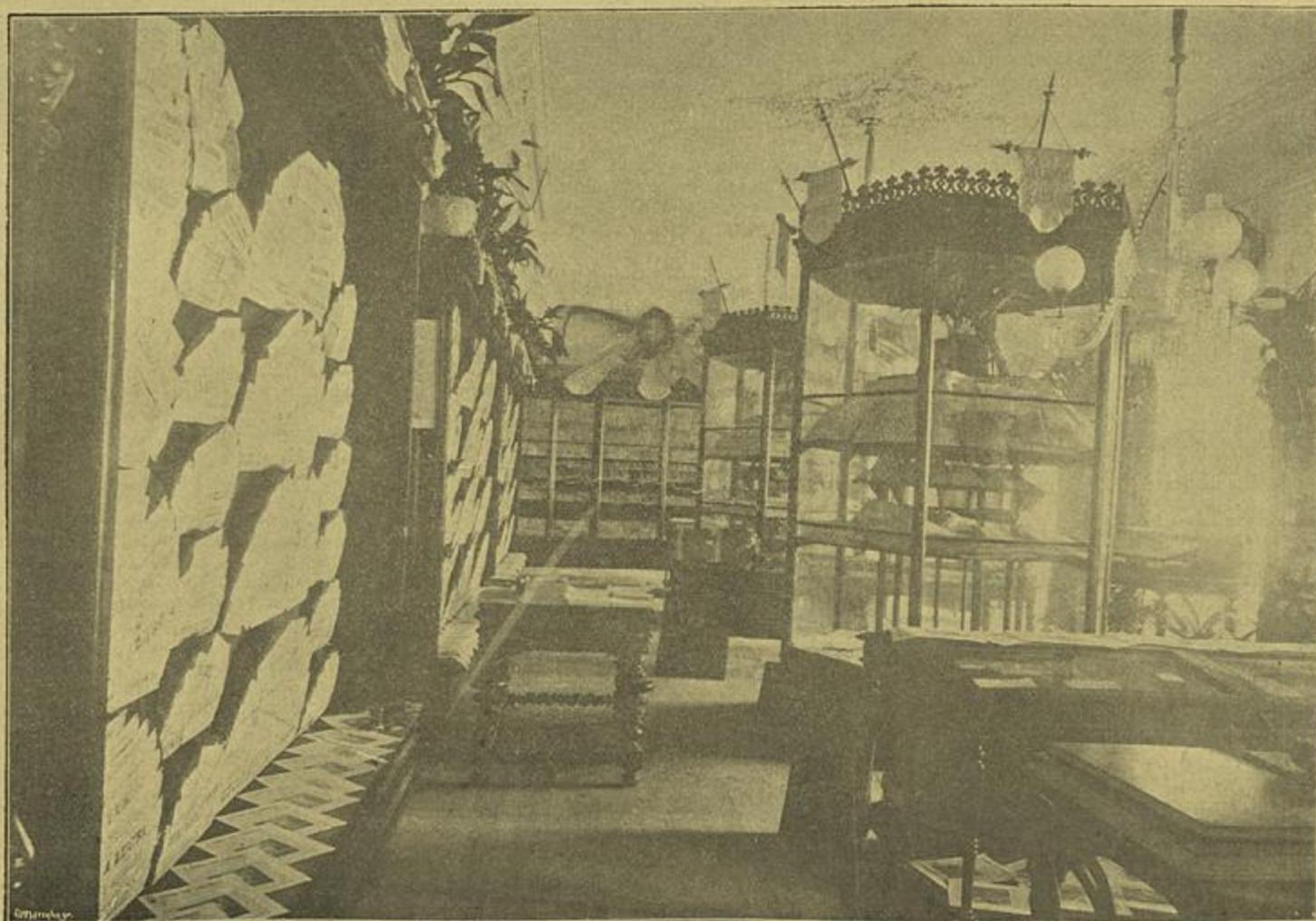


Ludgero Vianna ✓



Silva Leal ✓

COMISSÃO DA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA



A EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA NAS SALAS DO ATHENEU COMMERCIAL.  
(Copia de uma photographia do sr. Gião)

Mocidade, que és tu? A aurora que desponta  
No céu azul da vida. A nuvem não te afronta  
Nem te escurece o albor. A voz da philomela  
Dá-te um canto amoroso, e o lírio abre a capela  
Quando tu passas, luz! Folga rebanho amado!  
Estes vales são teus. E teu o alcantilado  
Cerro que além se vê. Brineas, cordeiros novos!  
Mostrae vossa saúde em saltos e corcovos,  
Que o pastor nos espera, á noite, no redil!

E depois deste trecho inicial, digam-me se taes versos não revelam a voz de um maviôso poeta, tão natural, como espontâneo!

A invectiva do moço enamorado, que, ardendo em ciúmes, acusa Aldonça de ter o coração cheio com outro amor, e lhe pergunta se ella insiste no que reputa uma loucura, responde inabalavel a pobre sonhadora, embora desesperançada:

... Sim insisto; e nunca tua esposa,  
Pero Vaz, hei de ser. Comtigo tamanina,  
Nos campos folguei. A face purpurina  
Muita vez me beijaste em jogos de creança.  
Dormi no teu regaço. Alaste-me na trança  
As violetas do vale e as rosas da montanha,  
Ambos de dois, á tarde alegres, em companhia.  
Subimos, á porfia, ao cimo das collinas;  
Fomos buscar ao ninho as aves pequeninas,  
Ocultas na devêza, entre a folhagem mesta,  
Tudo isso passou! E agora que nos resta  
Dessa quadra feliz?

É um verdadeiro quadro do século XIII e uma pintura peregrina de todos os tempos, emoldurada numa formosa tapeçaria campesina.

Tal não diria, com tamanha e tão acertada fidelidade, Pereira da Cunha, se tão de perto não conhecesse as delicias naturaes do seu pitorêso Minho.

Um dos frades, que vem buscar D. Ramon, por mandado do arcebispo bracarense, é uma victima das vocações torturadas pela clausura, e disse se queixa ao seu companheiro pelo modo, que se vae vêr:

Farto estou de sermões, irmão. Sou ruim frade?  
A culpa não foi minha. Obrigaram-me. A grade  
Do claustro é para mim a porta de uma jaula.  
Fera escondida eu sou. Leão Amadis de Gaula,  
Sonho co'a guerra santa, adoro a Deus: seria  
Bom esposo e bom pae, se, em merencório dia,  
Não me forçasse alguém a votos, que eu não tinha,  
Sou ruim frade, mas a culpa não foi minha!

Estes versos que formam um bello contraste com os antecedentes, são por isso um toque de sombra, muito de vêr pelo vigôr da pincelada.

O *segundo acto* comprehende a continuação dos tôrves amôres do mal afortunado aldeão, que jura vingar-se do repúdio de Aldonça. D. Ramon, que se enamorou da suposta mulher do rei D. Sancho II, e que pretende tirar-lha, vae a Airó, para conhecêr a rapariga, que o salvara e tratara, toca-lhe na janella, e tenta de agradecido beijar-lhe as mãos. Pero Vaz, que espreita a distancia, vê o movimento, toma-o por expressão de amor, desesperado abandona a aldeia, e foge para a serra.

D. Ramon, que precisa de gente de guerra, incita o padre Annes a que se põna á frente do povo, e que o acompanhe a Coimbra, onde pretende roubar D. Mecia e destronar D. Sancho. Logra convencêr o padre e o próprio pae de Aldonça, o velho guerreiro, que acompanha a sortida, envergando o seu precioso talismã, o *São de Malha*.

Logo no começo canta Aldonça:

O velho são de malha,  
De meu pae nobre bragal,  
Conta á moça a gran batalha  
Da moira Alcazer-do-Sal.

E mais adiante diz a Pero Vaz, que ameaça esmagar-lhe um pulso, por onde a sacode com violencia:

..... Repito, e não receio  
O teu olhar feroz; nem temo as dores; creio  
Que me esmagaste o braço; agora dá-me a morte.

PERO, caindo de joelhos

Aldonça, fiz-te mal? Amor, perdoa! A sorte  
Porque me fere assim? Eu creio em Deus, respeito  
A minha velha mãe; todo o infortunio aceito,  
Menos, o de te ver, Aldonça, em braços de outro.  
Pinguem-me a cera quente, entalem-me no pótro  
Mas digam-me que tu has de ser minha um dia.

ALDONÇA

Nunca! nunca o serei! Pero, quanto daria  
Para te consolar, desventurado moço!

As palavras de Pero Vaz são o exaspêro do ciúme, retratado no seu vulto enorme no âmbito estreito de uma simples miniatura.

A um vilão, incitado pela voz do padre, que aparece revestido de cota e elmo a empunhar a cruz e a espada, bradava o pae de Aldonça, ao ouvir dizêr que prestes estavam tôdos:

Tôdos, não! Falta um; chama-se Martim Peres.  
E velho, mas não resta aqui, entre as mulheres,  
Quando a patria lhe pede o braço, o sangue e a espada.  
Sus! a Coimbra! Aldonça, ó filha idolatrada,  
Quero-te muito a ti, mas quero mais A'quelle,  
Que nos remiu na Cruz!

Estes versos representam uma feição dos costumes e crenças, em que a religião e a força se ligavam bastas vêzes, brutal e cegamente.

\*  
\*  
\*

No *terceiro e último acto*, representado nos paços do poderoso arcebispo de Braga, faz-se a apresentação de D. Tereza, rainha de Leão e tia do pobre rei, que fôi morrer a Toledo, em cuja cathedral está a sua ossada, ainda hoje, sem um simples letreiro, que mostre ao mênos uma fugitiva lembrança de nacionaes e estranhos. A rainha vae ali, muito arrependida dos seus pecados, em vésperas de se recolhêr a um convento.

Neste acto patenteam-se as más qualidades do prelado, e exhibe-se a parte dramática de melhores efeitos.

Aldonça, acusada traiçoeiramente na sua honra pelo namorado, o Pero Vaz, que desprezara, é conduzida como penitente ao ostentoso paço, para se purificar na *prova de fogo*, ou *ferro caldo*, tão usada nos grandes crimes, ou a morrer queimada, se dessa prova não saísse illesa.

Encandecidos sete ferros de arado, Aldonça, de pés nus, passou sobre elles, saindo sem uma mácula do fogo, e caminhando em seguida erecta e milagrosamente.

É esta a pecha principal do acto, que não precisava do inverosimil e mênos do maravilhoso para haver as qualidades, que o distinguem.

Chega um emissário de Coimbra a dizêr que Martim de Freitas, perdida a sua causa, nem assim se rendera, e se fôra caminho de Hespanha a entregar ao sepulcro de D. Sancho as chaves do castello de Coimbra.

Aldonça, salva da calúmia, perdôa ao homem, que por ciúmes quizera perdê-la, e promete fazer vida santa num mosteiro.

D. Ramon, já esquecido de D. Mecia, arrependido do seu passado e deslumbrado pelas virtudes desta mulher sublime, oferece-lhe a mão de esposo, que ella aceita radiante e pasmada da sua inesperada e inacreditavel ventura.

O arcebispo opõe-se ao enlace de seu irmão, o rico homem do Minho, com uma vilã de sangue humilde.

D. Ramon persiste, e o pae de Aldonça prova a sua descendencia nobre, vinda de uma filha do rei mouro dos Algarves, filha chamada Fátima, que, namorada de um christão, fôra sua mãe, que com seu pae casara.

O são de malha, que deu nome ao drãma, era pôis um presente da moira, que o fizera por suas mãos, e que salvara o pae do cativo e lhe dera tôda a ventura.

Em face de tal testemunho, o arcebispo cede jubiloso, e abençoa os noivos.

E assim termina o acto.

A homérica e solemnisima afirmação histórica de Martin de Freitas, o famoso castellão de Coimbra, é narrada pelo irmão do prelado da guisa seguinte:

..... O alcaide troncuto  
Resiste como heroe. fiel ao juramento  
Que preferiu Chamou á praça a soldadesca,  
E disse-lhe, apontando a filha, noça e fresca  
E ainda donzela e pura: — O alcaide português  
Não entrega Coimbra a Alfonso, o Bolonhês!  
Tenbo esta só; e bella e muito amada:  
Pois prefiro aqui vê-la agora deshonrada  
A deshonrar-me a mim, vendendo este castello.

Ao espirito fidalgamente cavalheirôso de Pereira da Cunha não podia escapar o registo de tamanha abnegação, fidelidade e rigidéz de carácter.

A compleição ferrênha do prelado bracarense e o feitio villanaz da sua ambição constam do seguinte modêlo:

Tudo isso foi mister; de nada me arrependo  
De que servem a mitra e o báculo, não tendo  
Montes de ouro também? Um bispo é como o sol:  
Brilha, illumina, aquece, e surge no arrabal,

Vae aos paços reaes, aos templos e aos altares,  
Recebe a adoração de crentes, aos milhares,  
Tem vassallos leaes, besteiros, capelães;  
Mas é mister tambem que o erário lhe não falte;  
E pedra preciosa; e lhe preciso o esmalte.

Nestes versos daguerreotypa-se com justêza a feição do clero elevado, a abastança e o poderio de que dispunha triunfantemente nos tempos áureos da idade média.

O padre João Annes, o bom párocho de Airó, dando de rôsto com a figura do desventurado D. Sancho II, retratada num painel, pendente da sala do trôno archiepiscopal, lamenta-o assim:

Tudo te abandonou na tua desventura!  
Só resto eu... um padre, um miseravel cura  
De uma aldeia miuota. O sceptro, a crôa, a espôsa  
Arrancou-tos a mão da sorte caprichosa,  
E a patria, em que nasceste e a que tanto querias,  
Nem sequer te abrigou dos derradeiros dias;  
Nem ao menos te dá um leito de granito,  
Onde possas dormir em paz, pobre proscripto.  
Fôste guerreiro audaz; arremessaste o guante  
A's faces do Koran, ergueste triumphante  
A cruz do Christo em Serpa, Moura e em Juromenha;  
Povoaste Sortelha, e restauraste Idenha;  
Alargaste a fronteira a Portugal co'a espada;  
E dão-te em recompensa, ao cabo da jornada,  
O exilio e a maldição.

O affecto do bom padre achou nas palavras do poeta um eco fidelissimo e a calorosa gradação, que vale um protesto de patriota e de homem de bem.

Quando D. Ramon expunha a seu irmão o arrependimento, em que estava, de acções más, que praticara contra a causa do infortunado rei, e annunciava o oferecimento da sua mão a Aldonça, presente, vejamos uma parte do que lhe respondia o orgulhoso e fero arcebispo:

Tu, dom Ramon, irmão do Primaz das Hespanhas,  
O primeiro serás na corte; e, se quizeres  
Uma esposa, terás aos centos as mulheres!  
Deixa em paz o passado, e cuida do presente;  
Não fica bem a um môço esse ar de penitente;  
Os remorsos, se os tens, atira os para longe,  
Ou então despa o saio, e veste-te de mouge.  
Vá, enverga a cogula, o cantochão então:  
E eu cá estou, meu irmão, p'ra te abrir a corôa.

O sarcasmo destas palavras resumem altivêz desmedida e um odiôso sobrecênho, que chega a apavorar nos.

É porque o vigôr do verso, apesar de pouco harmónico por vêzes, se adapta perfeitamente á especialidade do escabroso assumpto.

Quando Martim Peres, pae de Aldonça, prova a sua ascendencia principêsca, vinda do rei móiro, de que descendia sua mãe, fala assim, num trecho da narrativa:

..... Tinha uma filha o moiro  
Moça, pura e gentil. Fadas de bom agoiro  
Prometeram-lhe um dia a crôa dos Algarves.  
Quando Fatima em pé, no cimo dos adarves  
Despontava, sorria a natureza e as aves  
Saudavam-na, escolhendo os cantos mais suaves;  
Nos rimancez andava o nome seu, casado  
Com a voz da teorba e do arrabil dourado;  
Junto da barbacan, á noite, os trovadores  
Mandavam-lhe um suspiro e um cantico de amores,  
Eis o que era Fatima... a alegre borboleta  
Das planticies do sul, a filha predilecta  
Do poderoso emir de Silves.

Que purêza de linguagem! que propriedade de verso! que bella nota descritiva! que dôce aragem poética não banha tôdo este formosissimo trecho, com que vamos terminar as citações da estrêa de Pereira da Cunha!

É que o *São de Malha*, embora falho de efeitos dramáticos, que exige o palco, é nas scênas captaes da sua urdidura um reflectôr histórico e a demonstração plena de uma organização poética de puro quilate, muito pouco vulgar.

O *São de Malha* representa o vôo de uma ave imperativamente arrojada, que pelo decorrêr dos tempos, prometia remontar-se á cumiada das suprémas alturas.

Fôi esse o nosso juizo. Em breve se ha-de vêr, no proseguimento destas linhas, se laborávamos em êrro.

(Continua)

Sanehes de Frias.



## OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

## XV

Na feira de Beneficencia

N'quelle anno, os periodicos milanezes levaram tambem á provincia a boa noticia de que o Carnaval fóra uma maravilha, ou, mais exactamente, um assombro; e n'aquelle anno passeava tambem pelas ruas de Milão multidão de provincianos, um tanto cansados, um tanto somnolentos, um tanto alegres, porém de modo algum apressados.

Motivo que faz com que n'estas paginas se não leiam agora as maravilhas de então.

O que constituia espectáculo novo e gracioso, se bem que, no dizer dos provincianos, um pouco frio, era a *Feira de Beneficencia*, principal atractivo da juventude masculina de Milão.

O grande salão do jardim Publico fóra transformado em bazar; nas galerias, convertidas em lojinhas, cem raparigas, dos quinze aos vinte annos, alegres e risonhas, acompanhadas por uns cincoenta velhos agradáveis, estavam occupadissimas em vender o mais caro possível a compradores facéis de contentar e que não regateavam o preço da mercadoria.

As jovens, mesmo as que não eram bonitas, estavam tão contentes, tão animadas sorriam com tal donaire, tagarelavam com tanta expansão, sabiam dizer impertinencias tão leves e amáveis, que todas pareciam bonitas. Traziam ámetade ou um terço ou um quarto de mascaras de veludo preto, e aquella pequena porção de escuro, que nada escondia, dava maior realce aos feitiços do rosto e da idade.

Os velhos eram de toda a classe: altos e direitos ou pequenos e estirados, com as frentes calvas e lisas quaes bolas de bilhar ou sulcadas como terra em lávra; havia-os penteadinhos, havia-os hirsutos; jovias ou serios, mas todos encanecidos.

Em uma galeria, entre outras varias jovens, estava a Amalia, e por detraz d'ella e dos demais, sete ou oito velhos, entre os quaes, Rómulo, Joaquim e o doutor Roque Trombeta. Este, sentado n'uma cadeira de balouço, encostada a um buffet, parecia estar aborrecidissimo. Joaquim permanecia immovel e fixo ao lado de um velhinho minúsculo ao pé do qual parecia gigante, ou deitava para traz, a pretexto do calor, o alvissimo chinó, afim de que todos vissem que não só conservava o proprio cabello como tambem o tinha de um formoso tom grisalho.

Romulo encontrára um companheiro que era realmente muito alto e se julgava desconforme, ao contrario do excellente Affanni, o qual da melhor vontade houvera descido dois degraus do seu companheiro, segundo lhe aconselhava o Joaquim. Permanecia encostado a uma columna, ao lado da Amalia, contemplando um ponto fixo, porém indeterminado, do espaço sem limites, e sorria ao seu passado, e aos seus sonhos predilectos.

Tocava na galeria superior uma orchestra invisível; suaves murmúrios enchião o amplo salão, corriam pelas arcadas vozesinhas mysteriosas, que um engenheiro de tez enfarinhada attribuia prosaicamente á defeituosa construcção do local, nas quaes porém reconhecia o Romulo os mysteriosos accents do... os mysteriosos accents da... accents emfim, mysteriosissimos. E quando a Amalia, depois de haver levado a cabo venda assaz difficil, porque o comprador encontrava pretextos mil para prolongar a transacção, triumphante, se volvia para elle, ao Romulo parecia-lhe que n'aquella carinha morena, meio assombreada pela máscara, estava vendo a viva imagem da sua Tranquilina, tal qual permanecera para elle debaixo da máscara do tempo. E o triste, coitado, virava-se para observar ás furtadellas o doutor Roque, o qual sem suspeitar coisa nenhuma, continuava a estar soberanamente aborrecido.

Havia, com effeito, entre a comitiva, um engenheiro que, debaixo da perúca e dos polvilhos brancos se parecia immenso com o Enéas. Necessitava-se de um homem de muito boa vontade para ir registrando as vendas, e como elle se offercera, acceitaram-n'o e empoaram-n'o.

O espectáculo da feira não era tão monotono como ao doutor Roque lh'o fazia parecer a sua affecção de figado; aos animados colloquios de uma galeria a qual, bem comparada, lembrava immensa gaiola de passaros, succedera logo inopinado silencio, durante o qual escutavam todos attentamente as graciosas controversias e as ré-

plicas vivazes nas outras galerias proximas ou afastadas. Presenciavam-se scenas originaes; um franganote, que dêra a volta a todas as lojas improvisadas, comprando um objecto em cada uma, estacava em frente d'uma vendedeira loura para comprar qualquer coisa... o que? — uma coisa, seja o que for, e pedia conselhos e sorrisos; outro pagava por uma gravata mais caro do que se fosse um chaile; pretendia porém que a propria vendedeira lhe atasse o laço... e a mascarasinha condescendia... por amor dos pobres. As meninas mais bonitas não tinham mãos a medir; quem passava pelos palanques via alguma d'aquellas risonhas victimas que, não podendo já consigo, ia sentar-se n'um divan, ao fundo, implorando modestamente aos velhos que a encubrissem.

Amalia não era d'essas; conhecendo, como de facto conhecia, pouquissima gente em Milão, a poucos fóra dado ainda verificar que era a rapariga mais bonita de todo o universo. Por este motivo, cabiam-lhe momentos de ocio, durante os quaes ia fazer uma festinha ao resmungão do papá, ou dirigir um sorriso ao Joaquim, ao Rómulo...; ao engenheiro Enéas, coisa nenhuma.

De repente, quando principiou a ouvir-se a orchestra invisível, e a multidão, cada vez maior, se revolvía em circulo e em massa compacta, desapareceu dos labios da Amalia o sorriso, e d'ella se apossou um sentimento, mixto de colera, de hesitação, de anciedade, e das varias sensações que, assim que via o Frederico, de ordinario experimentava, com alguma coisa mais por contrapêso, talvez um pouco de rubor.

Apoiava-se a joven á balaustrada da tribuna, e o mancebo, com o movimento circular da multidão, aproximava se d'ella, por aquelle lado. Virava e preparára um cumprimento que a Amalia estava disposta a não vêr. Para conseguir o fim proposto e occultar a turbacção, pôz-se ella a olhar em derredor como quem busca um comprador qualquer, mas não os havia. Ao lado d'ella, uma loura soberba vendia ramalhetes por preços fabulosos, e, um pouco mais além, uma trigueirinha, toda ella fogo, tinha deante de si um individuo que para fazer um madrigal pedia-lhe que o deixasse accender o charuto nos seus olhos. Ria a menina, e, se apesar da sua compaixão para com os necessitados não podia realizar semelhante prodigio, realisava outro, accendendo ella propria o charuto, mordendo-lhe a ponta com os dentinhos e fazendo um gesto delicioso quando o fumo lhe entrava pelos olhos ou pela garganta. O comprador, aceitando o charuto das mãos da joven, dizia muito a sério que o fumo bem sabia o que fazia, e pagava tudo, charuto, trabalho da vendedeira, e até os seus atrozes madrigaes.

Teve a Amalia tentações de retirar-se para o fundo da galeria, escondendo-se atraz dos velhos, lembrou-se até de um engenheiro enfarinhado que estava por detraz d'ella, longe, muito longe, n'outra zona, em outro mundo, e esteve tentado tambem de ir sentar-se a seu lado. Não fez porém nem uma nem outra coisa, e deixou-se ficar no seu lugar, com as mãos encostadas á varanda, e perdido o olhar por entre a multidão.

— Minha senhora — lhe disse alguém com accento cortez.

A joven lóbregára o Frederico, sem que tivesse olhado para elle; fingiu-se admirada e baixou sobre elle a vista.

— Por que preço faz pagar um dos seus olhares? — perguntou o mancebo.

— São de graça, como vê — replicou a Amalia, com voz levemente perturbada.

— E não tem mais nada que me venda? — insistiu o Frederico.

— Ora essa! tenho sim, senhor! Um ramalhetete, um par de luvas se o deseja, ou um bilhete da rifa d'um cavallo de sella; até lhe dou um bom numero.

Romulo e Joaquim, quando viram o amigo, haviam-se aproximado da donzella; o engenheiro Ferri, absorto no registro das vendas, não podia apartar-se do livro em que as ia assentando, mas seguia de longe aquelle episodio e distrahia-se extraordinariamente.

Fortalecida pela presença dos dois velhos, a rapariga mais bonita de todo o universo recobrou pouco a pouco a impavidez e ponde, com certo atrevimento cheio de encanto, offerrecer ao Frederico uma porção de artigos variados. O mancebo, de tempos a tempos, fitava-a, silencioso, e a Amalia pensava que elle o fazia com o intuito de a desconcertar. Imaginem se o conseguiria!

De subito, o Frederico perguntou:

— Minha senhora, o amor aos pobres não a levará a vender-me um beijo?

O Romulo e o Joaquim soltaram uma garga lhada, e a alma de engenheiro Enéas, prisioneira entre as folhas do registro, verteu lagrimas secre-

tas, sem comprehender ainda o motivo de semelhante riso.

— Porque não? — retorquiu a Amalia com o rosto todo elle em chammás, porém sem titubear.

— Mil francos cada um, quantos deseja?

Pronunciadas estas palavras e com ira muito superior á vergonha, olhou em redor. A soberba lourinha, a morenita de fogo e as outras lindas vendedeiras, que tinham ouvido tão extranha proposta, interrompendo as transacções respectivas, olhavam com os olhos espantados; mais de um gracioso focinho se adeantou como que brincando... E creio que n'aquelle instante tão innocentes caixeirinhas se haveriam sacrificado todas do mesmo modo com o maximo enthusiasmo. De que não será capaz a compaixão para com os pobres!

O Frederico, porém, não reparava nas outras, nem houve entre os compradores quem quizesse imitar-lhe o exemplo. Em quanto todos olhavam, elle, tranquillo, saccou do bolso a carteira, e examinou o conteúdo.

— Não posso comprar senão trez — disse, erguendo a cabeça.

Viu então que a Amalia, pouco antes com as faces como brazas, empallidecera em extremo, e comprehendeu que, chegado o momento da entrega da mercadoria vendida, a pobresinha sentia-se desfallecer, e que o espectáculo de tantos olhos curiosos fixos na sua pessoa, fazia cahir por terra a sua momentanea audacia.

Dizia, uma, em voz baixa:

— «E o namorado.»

Enéas, dizia outra:

— «E o noivo.»

— Que faria? N'aquelle transe, renunciar era expôr-se a uma surriada geral... o Frederico, pelo seu lado, sentia apoderar-se d'elle certo embaraço. Atravessou-lhe a mente uma ideia; tirou tres bilhetes da rifa de cavallo de sella, e apresentando-os á joven, conjunctamente com um lapiz:

— Queira fazer-me o seguinte: — disse, porém com voz muito menos segura do que antes — escrever em cada um d'estes bilhetes: «Vale um beijo» e assignar. Pagar-me-ha quando melhor lhe convenha, na presença do papá e da mamã.

Fulgiu um relampago de gratidão nos olhos da Amalia; sorriu-se e escreveu. Porém quando, ao entregar os tres papellinhos, recebeu a respectiva importancia em tres notas do banco de mil francos, voltou-lhe, com a ousadia, o despeito.

— Faltam os tres francos correspondentes aos tres numeros da rifa.

— Queira desculpar — disse o Frederico — eil-os aqui.

Pagou e lá se foi; seguido por um grupo de gente, enquanto que outro grupo ficava de sentinella aos porticos para vêr a joven que se retirára para detraz dos velhos. E vendo que não tornava a apparecer, houve quem affirmasse que não era tão bonito como se dizia, e que *esta, aquella e aquell'outra* eram, sem comparação, mais bonitas — consolação mui opportuna para *esta, aquella e aquell'outra*.

A Amalia, entremettes, sentada a um canto, esforçava-se por não chorar de raiva; o engenheiro Enéas assentava os tres mil francos e os tres beijos com a morte no coração; o dr. Roque dormia, e o Joaquim esfregava as mãos.

Nem o Romulo nem o Joaquim tomavam a serio a ira da joven; consolavam-na, mas sem se acalorarem muito, ostentavam semblante obscuro, notava-se porem que debaixo d'aquella obscuridade tremulava luz; fallavam com accento moderado e grave, mas lá no fundo deviam de estar rebentando por se rirem ás gargalhadas, e quando diziam e repetiam que o Frederico lhe pegára uma peça de entrudo e nada mais, era fora de duvida que não sentiam o que estavam dizendo.

— Se os senhores o não acreditam — exclamou, porfim, a Amalia, — como querem que eu o acredite? Trocaram um olhar os dois velhos e, vendo-se adivinhados, não disseram palavra.

— Quem é que não percebe que o sr. Frederico não me pode ver e que o que quiz foi vingar-se.

E os dois velhos, ambos de accordo, repetiam que aquillo fora apenas brincadeira de carnaval. Um e outro, porém, sustentariam a pés juntos, lá de si para si, que o Frederico estava perdidamente apaixonado pela Amalia.

— Quiz humilhar-me — affirmou ella; — obrigarme, primeiro, a córar deante de todos e, em seguida, agravar-me com a sua generosidade. Não sei como não morri de vergonha — mas que quer elle? — odeia-me!

— Queira perdoar — obtemperou o Joaquim — mas porque motivo hade odial-a o Frederico?

— Porque eu lhe tenho odio; sempre o odiei;

comecei a odial-o logo desde que o vi; e nem sei o que o daria agora para lhe fazer pagar bem cara a sua audacia.

—Quer-me parecer — opinou o Romulo — que lh'a fez pagar assaz carinha;... tres mil francos por tres beijos que demais a mais não recebeu... Sentiu a Amalia como que uma labareda a lamber-lhe as faces e escondeu o rosto nas mãos.

—Estou capaz de chorar de raiva e despeito — disse, em seguida, erguendo o semblante, lacrimoso — mas não quero dar-lhe esse gostinho; não choro.

Soceçou um tanto e perguntou:

—E agora, que succederá?

—Nada que seja mau, minha menina. O Frederico esta noite irá apresentar-lhe a sua lètra á vista; isto é, deante do papá e da mamã. A menina pagal-a-há, como faz qualquer banqueiro, muito senhora de si; e rirêmos todos... Verá que o caso não é tão temível como lhe parece.

A Amalia pensou tambem, e chégou a vencer-se de que não era tão temível.

—Sim — disse, rindo; — fiz-lhe pagar bem cara a vaidade... E pena ser tão rico!

—Console-se — respondeu o Romulo; — não será tão rico como dizem: em uma pessoa tendo dinheiro como dez, augmentam logo, e espalham que o tem como vinte. Nos nossos tempos, tambem nós passámos por ter o tal milhãozinho de rigor: não é verdade, Joaquim?

—Pois já se vê — retorquiu o interpellado — e é que havemos de pagar juros como se effectivamente o possuíssemos.

E d'ahi — exclamou o Romulo, apelando para a memoria; — o Frederico deve ter perdido muito dinheiro a semana passada com a quebra do Banco de... Não disse quanto perdeu porque ainda o não sabia.

A Amalia escutava em silencio, maravilhada por sentir lá por dentro alguma coisa que vagamente se assimilava ao remorso de ter feito pagar os seus beijos relativamente caros.

—Terá perdido pouco — disse por fim; — a não ser assim, não estaria de tão bom humor... E d'ahi, peor para elle;... devia ter confessado humildemente que... eram demasiado caros e ir-se embora sem tractar mais do assumpto; creio que em tal caso teria começado a ter-lhe affecto.

O Romulo, porém, respondeu que não com a cabeça e o Joaquim foi-lh'o dizendo, claro e nitido.

(Continúa).

Pin-Sél.

## NECROLOGIA

### CORONEL FIRMINO JOSÉ DA COSTA

Falleceu no dia 29 de maio, o sr. coronel de engenheiros Firmino José da Costa, chefe do estado maior da sua arma, e por tantos titulos, um dos officiaes mais distinctos do exercito portuguez.

Não sabemos n'elle que mais admirar, se os elevados dotes do seu caracter de homem honrado e bom, se as qualidades de militar de uma arma scientifica que elle soube honrar como poucos. São prova d'isto as varias commissões officiaes que desempenhou, sempre de modo superior, com inexcusable intelligencia e zelo, como a das fortificações de Lisboa, o que dá testemunho o forte de Caxias, construido debaixo da sua direcção, e as de governador de Macau, para que foi nomeado em 1886 e depois a de governador da provincia de S. Thomé.

O sr. Firmino José da Costa, nasceu em Lisboa a 3 de agosto de 1843 e foi alumno do Collegio Militar, onde fez um curso distinctissimo, tendo por condiscipulos Ferreira de Mesquita, Celestino de Sousa, Pina Vidal, Moraes d'Almeida e tantos

outros que se tem distinguido na sua vida publica.

Sentou praça em 14 de agosto de 1859 e foi promovido a alferes em 1861, seguindo os mais postos da sua arma até ao de coronel, em 1891. Estava numero um para o posto de general.

Deixa legitimos e dignos successores das suas notaveis qualidades em seus filhos, os srs. Eduardo Costa, capitão do estado maior, Alberto Costa, 1.º tenente de marinha e Raul Costa, alferes de cavallaria, um dos heroes das campanhas d'Africa.

Trabalhou sem descanço e honestamente para manter sua familia e educar seus filhos, dandolhes exemplos de uma vida honrada e sã, e no meio da muita dedicação que estes lhe mereciam, ainda encontrou bom auxilio seu irmão o sr. Antonio Francisco da Costa, ajudante de campo de Sua Magestade El-Rei D. Carlos, amparando-o e guiando-o na sua educação e nos primeiros passos da sua vida publica. Facto altamente honroso para a memoria do illustre finado, n'esta epoca de egoismos.



CORONEL FIRMINO JOSÉ DA COSTA — FALLECIDO EM 29 DE MAIO DE 1898



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Manchas por Pereira Bravo. Lisboa — 1898.**

Eis um livro de versos, offerta delicada de um moço poeta, cujo entusiasmo vibrante e estro irrequieto empolgam o leitor, que difficilmente lhe negará o justo apreço que merece.

Decididamente, a poesia é uma grande arte; ora nos commove docemente ora nos eleva em raios de arrojo ás culminancias do Helicon, pois nos deleita e encanta, mercê dos seus mais talentosos cultores.

Pereira Bravo accentua n'este seu livro aquella individualidade, tão extranha como especial, já tão conhecida pelos seus amigos e que este soneto tão bem traduz:

ALMA IMPERFEITA

Porque será que nada me deslumbra,  
Nada me encanta, nada me suavisa:  
Nem o som que nas arvores desliza,  
Nem a luz que no espaço ressumbra.

O mar não me fascina nem me alumbra.  
O refulgente sol quando agonisa.  
Vejo dos campos evolvar-se a brisa.  
E sempre em mim existe uma penumbra.

Porque é que todos te amam, natureza.  
E eu, só, te encaro cheio de frieza  
Como o doente encara a luz do dia?

E' que minha alma quer mais amplidão.  
Como imperfeita, adora a perfeição.  
E esta só paira pela phantasia.

Esta especial individualidade de poeta mereceu ha pouco as seguintes palavras de justiça que gostosamente transcrevemos por serem insuspeitas:

«O tom geral do livro é bom. Como estreia que é, já se vê que tambem ha de ser *manchado*, podendo-se fazer escolha e preferencia entre as suas poesias. Pereira Bravo tem sonetos muito bem feitos, muito bem burilados, e muito perfeitos na fórma. Todas as suas composições revelam-nos altamente a primeira qualidade do bom poeta — a sinceridade. Além d'isso o livro tem imagens bem concebidas, naturaes e aquellas mesmo que se nos antolham como mais exoticas são originaes e ferem pela sua propriedade. Citemos, por exemplo, esta bella quadra com que elle fecha uma poesia intitulada *Outono*, em que descreve a passagem do verão para aquella estação do anno:

E os mortos, habituados  
ao calor da terra ardente,  
apparecem constipados  
e entisicam novamente».

**Zoologia Elementar Agricola.**  
Empreza Editora F. Pastor — Lisboa.

Esta obra illustrada com mais de 700 gravuras, constará de duas partes: *Zoologia Geral* e *Zoologia Especial*, segundo os methodos de S. Schilling, dr. Noll, Leunis, H. Ludwig e Pokorny.

Dedicada á mocidade estudiosa das Escolas Agricolas de Portugal, tem por auctor o illustre professor sr. Paulo de Moraes, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vogal do Conselho Superior de Agricultura e director do Museu Agricola Florestal de Lisboa, cargos em cujo desempenho tem affirmado a sua muita competencia que n'esta sua obra se confirma plena e cabalmente.

**Patria e Conversão** — Com este titulo e o subtitulo de *Verdades Amargas*, publicou o sr.

Ladislau Batalha um appello vibrante contra a conversão.

A sua leitura revela o sentir dos socialistas portuguezes, e como é bom conhecer as ideias politicas de todo o mundo, por isso o lêmos.

VISTA GERAL

DA

FEIRA FRANCA

NA

AVENIDA DA LIBERDADE

1 Estampa a côres medindo 60 centimetros de largo por 45 centimetros de alto, propria para emmoldurar

500 RÉIS

Pedidos á *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo.

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39